



## **OS PRONOMES PESSOAIS RETOS DE TERCEIRA PESSOA EM FUNÇÃO OBJETIVA: UM OLHAR SOBRE A TRANSITIVIDADE ORACIONAL**

Janaína Maria Fernandes Guedes Queiroz  
*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte*  
*jani12fg@gmail.com*

Rosângela Maria Bessa Vidal  
*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte*  
*rosangelauern@gmail.com*

**Resumo:** No âmbito dos estudos linguísticos, mais especificamente no campo dos conhecimentos gramaticais, vive-se um turbilhão de questionamentos originados da imprecisão dos conceitos determinados pela gramática normativa. Isso ocorre pelo fato de tais conceituações serem insuficientes para darem conta do vasto campo linguístico e dos novos elementos que entram em cena nos variados contextos de interação comunicativa. Diante disso, este trabalho intenciona analisar o grau da transitividade oracional cujos textos apresentam os pronomes pessoais retos em função objetiva, nas produções textuais dos alunos do 6º ano, do Ensino fundamental II, sob a ótica da linguística funcional centrada no uso. Esse estudo assume uma metodologia de caráter descritivo-interpretativo, cujos dados foram analisados quantitativamente, considerando-se a ocorrência, a frequência de uso do fenômeno em estudo, bem como a dinamicidade da língua. O suporte teórico adotado para atender aos objetivos propostos na análise das amostras é a abordagem funcionalista. Esperamos que as discussões realizadas possam instigar os docentes de Língua Portuguesa, bem como os discentes de Letras, futuros professores da área, a conceberem a língua em sua natureza dinâmica e maleável, de modo que a sua diversidade entendida como uma propriedade que a constitui.

**Palavras-chave:** LFCU, Pronome, Transitividade, Ensino.

### **INTRODUÇÃO**

Diante das tantas discussões que norteiam o ensino de Língua materna, uma que se configura imprescindível ao desempenho do educando, aos olhos de muitos teóricos da linguagem é a flexibilidade da língua. Isso se dá pelo fato de constatarmos que a interação humana só é possível por meio do uso da língua numa perspectiva discursiva, pragmática e não por meio de palavras e frases isoladas, numa visão restrita e imanente do sistema linguístico.

Dentre as discussões recorrentes, discutem-se neste trabalho os fenômenos da transitividade oracional, a partir da concepção de teóricos funcionalistas, mais especificamente daqueles que compõem o escopo da LFCU. Investiga-se o grau da transitividade das orações cujos pronomes pessoais retos, *ele, ela, eles, elas*, funcionam como complemento verbal nas produções textuais dos alunos do 6º ano, do Ensino fundamental, de uma escola pública municipal de Doutor Severiano - RN, sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso.



Em termos estruturais, a pesquisa compõe-se de Introdução, fundamentação teórica, análise e discussão do *corpus*, considerações finais e por último as referências bibliográficas.

## **METODOLOGIA**

Para a realização dessa pesquisa selecionou-se dez textos do gênero conto, os quais apresentam a ocorrência do pronome pessoal reto de terceira pessoa com função objetiva. A respectiva análise fundamenta-se nos teóricos que compõem o escopo da LFCU cujas contribuições reforçam o caráter qualitativo interpretativista da pesquisa ora apresentada. Considerando que o trabalho ressalta o aspecto qualitativo sobre o quantitativo, os dados que o norteia são retirados de produções escritas de alunos do 6º ano, em situações concretas de comunicação no ambiente de sala de aula, os quais são submetidos a um processo de codificação e análise.

## **A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: SUA CONSTITUIÇÃO TEÓRICA**

A Linguística Funcional norte-americana toma sustentação a partir da década de 1970, com a grande contribuição teórica de Talmy Givón, Sandra Thompson, Paul Hopper, Elizabeth Traugott, que defendem uma linguística baseada no uso, cujas características consistem em analisar a língua do ponto de vista do contexto e da situação extralinguística e concebem o estudo do discurso e da gramática de modo simultâneo, no intuito de entender como a língua se configura. Nessa perspectiva, as regularidades linguísticas são justificadas a partir do uso interativo da língua considerando as condições comunicativas em que se verifica esse uso.

Desse modo, pode-se dizer que na base do funcionamento linguístico está a capacidade do ser humano de formar categorias, de agregar essas categorias em diferentes domínios de conhecimento, assim como a habilidade de estabelecer relações de semelhança ou analogia entre esses domínios. Isso significa que as regras gramaticais refletem a criatividade humana, mas são restritas pelo funcionamento natural da mente.

Diante do exposto, é relevante destacar que o funcionalismo abarca um conjunto de subteorias que compactuam a ideia de que a língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel fundamental na determinação das estruturas e dos sistemas que constituem a gramática de uma língua.



## **TRANSITIVIDADE ORACIONAL**

Na busca de afunilar os conhecimentos norteadores dessa pesquisa, com base na abordagem de gramática sob a égide do funcionalismo norte-americano, apresenta-se, nesse tópico, algumas considerações acerca da transitividade oracional de acordo com o postulado de Hopper e Thompson (1980), bem como breves informações sobre o conceito de transitividade, proposto pelo viés da abordagem tradicional, por meio das quais é possível perceber alguns pontos frágeis em relação a essa questão.

A transitividade, na visão funcionalista, perpassa pela função discursivo-comunicativa. Nesse sentido, é impossível atrelá-la somente à relação verbo x complemento, tendo em vista a noção contínua, escalar da oração, que contribui para a sua caracterização em relação ao aspecto da transitividade. A teoria de Hopper e Thompson (1980) é relevante para essa pesquisa, pelo fato de o *corpus* em análise, conter orações com alto grau de transitividade, por contemplarem, em sua essência, os princípios norteadores dessa escala.

Segundo esse postulado, a transitividade é concebida como um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos, os quais focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da oração. Embora sejam independentes, esses traços funcionam de modo articulado, tendo em vista que nenhum deles sozinho é suficiente para determinar a transitividade de uma oração. Mediante essa perspectiva, não há necessidade da ocorrência dos três elementos – sujeito, verbo, objeto - para que uma oração seja classificada como transitiva, como dispõe a gramática normativa.

## **O USO DO PRONOME PESSOAL RETO E A ABORDAGEM FUNCIONAL**

Na dinâmica que cerca as questões linguísticas, é relevante destacar alguns estudos sobre categoria pronominal; estudos esses que ultrapassam a conceituação canônica atribuída a essa categoria. Para início de conversa, observa-se, nos estudos referentes à classe pronominal algumas limitações em torno da definição de pronomes pelo viés da GT, visto que tal definição apresenta algumas lacunas no que diz respeito ao uso dos pronomes nas situações reais de comunicação. Canonicamente, o pronome é definido como substituto do nome, contudo, essa definição não se aplica verdadeiramente a todos os pronomes, ficando restrita a alguns deles. Para bem retratar essa questão, retomamos as palavras de Lopes (2007, p. 107, grifos do autor):



Formas pronominais que se caracterizam como determinantes, particularmente os possessivos, não podem substituir um nome: (*Maria/ ela/aquela/alguém/minha \* foi à festa*). Outro aspecto que merece atenção é o fato de a dita substituição não ser necessariamente do nome, mas de todo o SN. [...] Os pronomes pessoais, ao contrário dos nomes não podem ser antecidos por determinantes e funcionam em geral, como núcleos isolados no SN. [...] Os pronomes pessoais admitem um determinante posposto, que se restringe a adjetivos (mesmo, próprio) e a numerais: “*eu mesma fiz isso, nós mesmos fizemos tal coisa, nós três fomos ao cinema*”.

Diante disso, constata-se a inadequação de se tomar as categorias gramaticais numa perspectiva fechada, “engavetada”, uma vez que, vistas por esse ângulo, não dão conta de atender ao vasto campo linguístico percorrido pelo usuário da língua. Nesse sentido, é propício elevar as discussões em torno da categoria pronominal, direcionando-as para as mudanças ocorridas nesta classe. Sobre essa questão, Castilho (2012, p. 477) destaca: “os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças. Estudos recentes têm apontado para sua reorganização no PB, sobretudo em sua modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua.” Essa flexibilidade, instaurada no âmbito da categoria pronominal, reitera a concepção de língua proposta pelos teóricos funcionalistas, qual seja: a língua estudada a partir dos contextos comunicativos; a língua em movimento, onde os aspectos gramaticais da língua portuguesa são abordados como fenômenos emergentes e variáveis, cujo estudo é indissociável do discurso, ou seja, da língua posta em uso.

## **ANÁLISE DO CORPUS**

Uma categoria analítica a ser salientada no tocante ao uso do pronome pessoal como complemento diz respeito à transitividade oracional. Nessa perspectiva a análise aborda a gramática da oração inteira, conforme acontece nas interações comunicativas, e não apenas a relação entre um verbo e seu objeto. No intuito de demonstrar esse aspecto, foram selecionadas cinco orações em trechos do *corpus* da respectiva pesquisa, tendo como critério de escolha as produções dos alunos do 6º ano, que apresenta orações com o pronome reto em função de objeto direto e/ou indireto. Os trechos analisados expõem acontecimentos dos contos produzidos pelos estudantes com base no filme “Lisbela e o prisioneiro”.

- **Pedir** - (Amostra 01) “eles se abraçaram **ele pediu ela em casamento de novo** e ela falou ...”



- **Matar** - (Amostra 02) “O tenente conheceu uma mulher chamada Inaura e ‘casou-se’ com ela. Frederico já estava atrás da mulher, aí ele tentou ‘matar’ o tenente e **o tenente matou ele primeiro** e eles se casaram e viveram felizes para sempre”.
- **Ver** - (Amostra 03) “em Rio Grande do Norte, morava leleu um ‘homem’ engraçado que era de um circo, uma menina linda que se chamava Lisbela **quando leleu viu ela ficou fazendo palhaçada...**”
- **Olhar** - (Amostra -04) “Lisbela era uma professora que dava aula no quinto ano, ela era muito criativa. Quando LELEU apareceu no carrão para pegar a “subrinha” foi chamar na hora da atividade **ele olhou para ela** achou muito bonita [...]”
- **Denunciar** - (Amostra 05) “No dia seguinte o tenente prendeu um sujeito chamado leleu que estava foragido da polícia por ter ficado na noite anterior com mulheres casadas **os maridos delas denunciaram ele** por isso prenderam ele [...]”

Fonte: Queiroz, 2016.

De acordo com a proposta de Hopper e Thompsom (1980) cada parâmetro concorre para a disposição das orações em relação ao grau de transitividade. Assim, para a ilustração dessa categoria analítica, será apresentado um quadro contendo a identificação de cada parâmetro. As orações serão identificadas conforme o número da amostra. A presença do princípio da transitividade na oração será identificada com sinal (+) e a ausência com o sinal (-). Para a escala da transitividade serão considerados os seguintes princípios: 1. Participantes, 2. Cinese, 3. Aspecto do verbo, 4. Pontualidade do verbo, 5. Intencionalidade do sujeito, 6. Polaridade da oração, 7. Modalidade da oração, 8. Agentividade do sujeito, 9. Afetamento do objeto, 10. Individuação do objeto. Por meio destes parâmetros, é possível realizar uma análise da transitividade, considerando a função discursiva da oração, uma vez que esta passa a ser analisada como entidade linguística de um texto, isto é, observando as implicações contextuais em sua interpretação.



O quadro abaixo ilustra os princípios da transitividade que compõem as cinco orações elencadas anteriormente, retiradas do *corpus do* presente trabalho. Os códigos expostos, na primeira divisão do quadro, representam as amostras.

#### Quadro 08 – Escala da transitividade

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.
Amostra 01	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Amostra 02	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Amostra 03	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Amostra 04	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Amostra 05	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Fonte: Queiroz, 2016.

De acordo com o quadro, observamos que as cinco amostras analisadas apresentam o grau mais alto na escala da transitividade (grau 10) por conterem todos os pontos de alta transitividade, em outras palavras, são marcadas de modo positivo pelos dez princípios propostos por Hopper e Thompson (1980). Dessa forma, as cinco amostras se ordenam numa mesma escala e representam as orações transitivas prototípicas, por conterem todos os parâmetros de alta transitividade. São relevantes para essa classificação tanto os aspectos sintáticos quanto os semânticos, neles estão incutidas as intenções comunicativas dos falantes ao produzirem seus discursos.

Na primeira amostra, observa-se: participantes (ele, ela); cinese: verbo de ação (pediu), aspecto do verbo: perfectivo (verbo no passado); pontualidade do verbo: pontual (ação completa); intencionalidade do sujeito: sujeito intencional; polaridade da oração: oração afirmativa; modalidade da oração: *realis* (modo indicativo); agentividade do sujeito: agentivo (sujeito agente - Ele); afetamento e individuação do objeto: objeto afetado e individuado (ela- humano, concreto, singular, contável, referencial).

Na segunda amostra, obtém-se os mesmos parâmetros, variando apenas os elementos da oração: participantes: dois (tenente, ele); cinese: verbo de ação (matar); aspecto do verbo: perfectivo (verbo no passado - matou); pontualidade do verbo: pontual (ação completa); intencionalidade do sujeito: sujeito intencional; Polaridade da oração: oração afirmativa; modalidade da oração: *realis* (modo indicativo); agentividade do sujeito: agentivo (O tenente); afetamento e individuação do



objeto: objeto afetado e individuado (ele - humano, concreto, singular, contável, referencial).

As três últimas amostras selecionadas para essa categoria analítica, como já exposto, contemplam os dez traços inerentes à transitividade oracional, variam apenas os termos que compõem a sentença. Verifica-se, desse modo, que toda a oração é classificada como transitiva e não apenas o verbo, conforme postula Hopper e Thompson (1980).

Compactuando com as ideias de Furtado da Cunha e Tavares (2007), é pertinente afirmar que sob essa ótica da transitividade as categorias linguísticas se distribuem em um *continuum*. Assim, a combinação de um dado verbo com um ou dois participantes não é, pois, uma propriedade especificada no léxico mental, mas, sim, um fato altamente variável em dados reais da fala. Por essa razão, o estudo da transitividade não deve se concentrar só nos verbos das orações isoladas; o contexto discursivo-pragmático tem um papel fundamental na conferência da transitividade oracional, visto que é no funcionamento textual que a potencialidade transitiva do verbo se concretiza ou não.

## CONCLUSÕES

Pensar a língua em seu funcionamento, ou seja, a língua em uso, consiste pensar uma série de fatores que envolvem a situação comunicativa. Dentre esses fatores é importante destacar os interlocutores imbuídos na situação de produção, o seu conhecimento de mundo, as suas intenções e estratégias de comunicação, o contexto discursivo, ou melhor, todos os fatores sociais e cognitivos que determinam o comportamento linguístico de seus usuários. Nesse sentido, significa compreender que toda língua humana é heterogênea por sua própria natureza.

A fim de verificar o grau de transitividade das orações que apresentam o pronome reto em função objetiva, utilizou-se os parâmetros da transitividade oracional, conforme as proposições de Hopper e Thompson (1980), em algumas amostras que compõem o *corpus* dessa pesquisa. Sobre esse propósito, inferiu-se que as orações que apresentam o pronome reto na função de complemento verbal dispõem de orações com alta transitividade, nas narrativas analisadas. Diante disso, é relevante destacar que a transitividade aqui discutida reflete, além dos aspectos sintáticos da oração, os aspectos semânticos e pragmáticos, imbuídos no ato comunicativo.

Nesse sentido, percebemos a fragilidade dos conceitos que envolvem a transitividade, que são apontados, de forma sutil, pelos gramáticos tradicionais. A maneira como eles são delineados pelo viés tradicional apresenta disparidades e, por conseguinte, não dão conta de atender aos



contextos de uso da língua, vez que um mesmo verbo pode oscilar entre uma classificação transitiva ou intransitiva, conforme o evento comunicativo.

Assim sendo, os resultados discutidos, nesse estudo, convergem, indubitavelmente, para a reafirmação da concepção de língua mutável, dinâmica, cujas estruturas gramaticais não constituem um sistema fechado em si; ao contrário, a gramática, nesse viés, é moldada a partir do uso em situações reais de comunicação. Nesse processo interativo, está imbuída a relação de simbiose entre discurso e gramática. Assim, pode-se afirmar que o sistema gramatical resulta da regularização de estratégias recorrentes, desenvolvidas no discurso, revelando uma constante adaptação às diferentes situações de interação e às necessidades reais dos usuários da língua.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B.; PONTARA, M. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

AVERBURG, M. C. G. Variedade linguística nas escolas brasileiras: pronomes normativo, acusativo e dativo. **Anais do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: APL, 2007, p. 95-110.

BARBOSA, A. G. Saberes gramaticais na escola. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F.(Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 31-54.

BISPO, E. B. Análise linguística numa perspectiva funcional: algumas possibilidades. **Anais do IX Encontro do CELSUL**. Palhoça/SC: Editora da Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.

BORTONI-RICARDO. S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

CASTILHO, A.T. **Gramática do português brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

DU BOIS, J. W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (Org). **Iconicity in syntax**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1985.

FURTADO DA CUNHA, M. A; COSTA, M. A; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 21-45.

\_\_\_\_\_; BISPO, E. B; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: Conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística**



**centrada no uso:** uma homenagem a Mário Martelotta. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013. p. 13-39.

\_\_\_\_\_; SOUSA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

\_\_\_\_\_; TAVARES, M. A. Linguística funcional e ensino de gramática. in: FURTADO DA CUNHA; TAVARES, M. A. (Org.). **Funcionalismo e ensino de gramática.** Natal: EDUFRN, 2007. p. 13-51.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar.* Amsterdã: John Benjamins, 1995.

\_\_\_\_\_. **Syntax.** v 1. Amsterdã: John Benjamins, 2001.

\_\_\_\_\_. **A compreensão da gramática.** São Paulo: Cortez, 2012.

HOPPER, P. y S. THOMPSON. **Transitivity in Grammar and Discourse.** Language, v 56, n.2, 1980. p. 251-299.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to grammaticalization.** Amsterdã: John Benjamins, v 1, 1991.

JORDÃO, G. M. J. Pronomes pessoais retos e oblíquos: formas em competição. 2007. 118p. **Dissertação (Mestrado em Letras).** Instituto de Letras, Universidade Federal do Fluminense, Niterói, 2007.

LOPES, C. R. S. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. **REVISTA MATRAGA.** Rio de Janeiro, v.19, n.30, p.30-42, jan./jun, 2012. Disponível em: <[http://www.pgletas.uerj.br/matraga/matraga30/arqs/matraga30a\\_06.pdf](http://www.pgletas.uerj.br/matraga/matraga30/arqs/matraga30a_06.pdf)>. Acesso em: 12/04/2014.

\_\_\_\_\_. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F.(Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso.** São Paulo: Contexto, 2007, p. 103-119.

\_\_\_\_\_; CUNHA, C. de S. **Pronomes pessoais: a pesquisa sociolinguística e a atualização da gramática.** Salvador: UFBA, 1994.

MARTELOTTA, M. E. (Org.) **Manual de Linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso.** São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. A mudança linguística. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática.** São Paulo: parábola, 2015. p. 49-61.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.



**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

\_\_\_\_\_. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na Língua Portuguesa. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SOUZA, E. R. de. **Funcionalismo linguístico:** novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012.

VIDAL, R. M. B. As construções com adverbiais em - mente: análise funcionalista e implicações para o ensino de língua materna. 2009. 180p. **Tese (Doutorado Linguística Aplicada)**. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2009.